

Museus, história e comunidades: desafios antropológicos no presente

18.01.2023 | Auditório C1, NOVA FCSH (Edifício C)

LIVRO DE RESUMOS

10h – 11h15 - História da antropologia portuguesa através da pluralidade dos arquivos

João Leal - Jorge Dias na Alemanha (1939-1944): os Esclarecimentos do Arquivo

Esta comunicação baseia-se numa pesquisa em curso sobre o Arquivo de Jorge e Margot Dias depositado no Museu Nacional de Etnologia. Abrange também as pastas relativas a Jorge Dias depositadas no Arquivo do Instituto Camões (antigo Instituto para a Alta Cultura). A partir de documentação já trabalhada (correspondência, relatórios, a tese de doutoramento que Jorge Dias apresentou em 1944 na Universidade de Munique sobre Vilarinho da Furna), tento mostrar a sua importância para o estabelecimento da genealogia científica da reflexão de Dias sobre o comunitarismo agro-pastoril, para o conhecimento dos bastidores das suas primeiras obras e para o esclarecimento de aspetos importantes da sua estada na Alemanha durante os anos da II Guerra Mundial.

Catarina Alves Costa - Caminhos de uma pesquisa de arquivos- a realização do filme Margot

Entre 1958 e 1961, Margot Dias integra a equipa de Jorge Dias no âmbito das Missões das Minorias Étnicas, realizando trabalho de campo em Moçambique. A pesquisa para o filme que realizei, Margot (2022), um documentário que retrata o impacto do encontro de Margot com os Makonde, revelou-se um processo em que foi necessário recorrer a arquivos de natureza muito distinta. Primeiro, os filmes, fotografias e gravações sonoras do terreno original. O encontro dos Makonde, hoje, com estes materiais, do arquivo do Museu Nacional de Etnologia, revelou-se fundamental para complexificar a sua natureza. Em seguida, procurei reconstituir através de fotografias e documentos de família e institucionais o passado de Margot Dias, o que me permitiu revelar narrativas mais complexas acerca das motivações desta etnóloga e do carácter estético e político do seu trabalho.

Mariana Correia - Arquivo Etno-Fotográfico do Centro de Estudos de Etnologia (CEE): Estudo, Catalogação e Publicação Online

A exposição que se seguirá tem como intuito dar a conhecer o projeto de doutoramento por mim desenvolvido, em parceria com o MNE, sobre o Arquivo Etno-Fotográfico do CEE. Considerado um dos mais importantes espólios fotográficos sobre o mundo rural português, que cobre um vasto leque temporal (1947-1990), este acervo de fichas de arquivo resulta de sistemáticas pesquisas de terreno desenvolvidas pela equipa do Centro, em milhares de pontos de inquérito do território nacional. Nesta fase ainda inicial da pesquisa, pretendo, desde já, demonstrar como este projeto será importante para o estudo das metodologias etnográficas visuais em Portugal, para uma melhor perceção da influência que estes métodos da equipa do CEE teve na mais vasta institucionalização da disciplina antropológica, e para pensar qual o lugar destes registos fotográficos na própria História da Fotografia em Portugal.

Moderação: Maria José Fazenda



CRIA
Centro em Rede
de Investigação
em Antropologia

ISCTE
NOVA FCSH
UC
UMinho



Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

GI PRÁTICAS E POLÍTICAS DA CULTURA

Coord. Rodrigo Lacerda; Francisca Alves Cardoso; Joana Lucas; João Sousa

Museus, história e comunidades: desafios antropológicos no presente

18.01.2023 | Auditório C1, NOVA FCSH (Edifício C)

11h45 – 13h - Desafios da digitalização de arquivos e coleções

Francisca Alves Cardoso – Tornando-nos Digitais: Considerações Éticas Sobre a Digitalização de Remanescentes Biológicos Humanos

A crescente ênfase na capacitação e democratização digital tem multiplicado o número de repositórios / coleções digitais de remanescentes biológicos humanos (i.e., ossos e dentes). A fabricação destes repositórios / coleções tem como argumentos principais a necessidade de produzir ferramentas online de ensino e investigação na área da Antropologia Biológica e Forense, sendo o foco a aquisição de imagens, o seu armazenamento e análise, enfatizando a sua importância na quantificação da variabilidade humana, e estudos de casos na área da patologia com impacto no osso e dentes. A problematização, e discussão ética relativa ao uso de remanescentes ósseos humanos no ensino, e investigação, a sua forma de aquisição, e a construção de coleções tem sido crescente sobretudo nos Estados Unidos. As preocupações focam principalmente a ausência de consentimento na cedência dos remanescentes, e disseminação de informação sobre os mesmos (sobretudo réplicas virtuais), a ausência de contextualização e informação sobre a proveniência dos remanescentes, assim como a sua ligação às comunidades de origem. A perpetuação de uma violência estruturada, e desigualdades sociais vinculadas a estas coleções são também discutidas (entre outros aspetos). Assim, as questões de éticas resultam sobretudo de pressões que buscam uma ciência eticamente correta, sustentável, e reparadora de comportamentos passados, não sendo parte integrante do processo de construção, e desenvolvimento das mesmas. Esta apresentação procura refletir sobre estes temas, praticamente ausentes em Portugal, explorando possíveis consequências e oferecendo novas abordagens.

João Sousa – Digitalização de arquivos fotográficos: o espólio de Ruy Cinatti no Museu Nacional de Etnologia

O “Arquivo pessoal de Ruy Cinatti”, legado ao Museu Nacional de Etnologia na década de 1980, é constituído por um expressivo conjunto de fotografias, entre outras tipologias documentais. Refletindo sobretudo a atividade profissional que o poeta-antropólogo desenvolveu em Timor-Leste, entre 1946 e 1966, o acesso em linha a esta herança partilhada tem o potencial de servir investigadores que trabalham o contexto, assim como indivíduos e coletivos em Timor-Leste e na diáspora timorense em Portugal. A digitalização de arquivos, nomeadamente fotográficos, não é, no entanto, um processo neutro ou meramente técnico. Partindo da minha pesquisa doutoral em curso, em torno do espólio de Cinatti no MNE, esta comunicação é uma reflexão sobre processos de digitalização dos arquivos da antropologia nacional, explorando as suas implicações e desafios.

Alexandre Bergamo – A Fotografia entre os Álbuns de Família e as Redes Sociais: memória familiar em novos espaços de celebração

A fotografia digital e, mais recentemente, a criação de redes sociais nas quais são exibidas fotos de familiares e amigos representam uma mudança significativa nas formas e espaços de celebração da memória. O álbum de retratos físico cede lugar ao álbum de retratos virtual, o espaço privado se torna público, o controle do registro das imagens, e assim da presença das pessoas nas celebrações, deixa de ser feito tão somente pelos celebrantes e passa a ser feito também pelos demais participantes. São mudanças que transformam não



CRIA

Centro em Rede
de Investigação
em Antropologia

ISCTE
NOVA FCSH
UC
UMinho



Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

GI PRÁTICAS E POLÍTICAS DA CULTURA

Coord. Rodrigo Lacerda; Francisca Alves Cardoso; Joana Lucas; João Sousa

Conferência anual do GI *Práticas e Políticas da Cultura*

Museus, história e comunidades: desafios antropológicos no presente

18.01.2023 | Auditório C1, NOVA FCSH (Edifício C)

somente os espaços de recordação, mas também suas formas de registro e transmissão entre as gerações e, com isso, a própria noção de memória. A presente proposta de apresentação visa a discutir essas recentes transformações na transmissão das memórias familiares.

Moderação: Sónia Vespeira de Almeida

14h30 – 16h - Museus, visitantes e comunidades

Joana Almeida – Um “fórum para as comunidades de memória”: o caso do Museu do Aljube

Esta apresentação terá como base a observação-participante feita num conjunto de visitas orientadas entre 2016 e 2018 no Museu do Aljube - Resistência e Liberdade, entrevistas realizadas com visitantes, antigos presos políticos e “empreendedores de memória” (Jelin 2002), bem como a presença num conjunto de actividades do museu. Pretende-se, por conseguinte, refletir sobre o modo como um espaço museológico que versa sobre a ditadura, a resistência e a liberdade constituído 41 anos após “o dia inicial inteiro e limpo” (Andresen 1977) pode, ao longo do percurso expositivo ou fora deste, constituir uma “ágora” (Iniesta 2009) ou um “fórum para as comunidades de memória” (Simine 2013, 12).

André Soares, Cátia Severino, Evalina Dias – Para melhor descolonizar é preciso debater!! (ativistas antirracistas e os museus)

Em 2021, em plena segunda vaga da pandemia pelo Covid 19 a Djass - Associação de Afrodescendentes apresentou o projeto Djumbai Descolonial ao Museu Nacional de História Natural e Ciência (MUHNAC) trabalho de resinificação e debate crítico de partes dos espólios das Missões Antropológicas da década de 1945, levadas a cabo pela academia portuguesa - Instituto Científico Tropical - nos territórios de ocupação colonial sob o lema “para melhor colonizar é preciso conhecer”. A proposta metodológica apresentada pela Djass consistiu numa abordagem participativa com os técnicos do museu, responsáveis pela catalogação e curadoria destes espólios coloniais sob a tutela da Universidade de Lisboa. Chamamos a esse processo “djumbai descolonial”, usando a prática social guineense de “fazer djumbai”, ou seja, discutir de forma aberta os elementos desses espólios, tais como catálogos de exposições, fotografias, relatórios e objetos usados nas missões antropológicas efetuadas em territórios como Angola, Moçambique, Guiné e Timor Leste. As sessões iniciais, que decorreram on-line por impossibilidade de encontros presenciais, foram vividas de forma intensa por parte dos técnicos do museu, podendo ouvir os testemunhos dos afrodescendentes em relação a alguns dos materiais em presença nos espólios apresentados. A Djass convidou alguns estudantes universitários afrodescendentes para fazerem Djumbai: Ficcional Estórias na ausência da História - Fernando Mora, a partir de uma fotografia de uma mulher chamada Apodida Cassamá, de uma comunidade guineense, tentou refazer “ficcionalmente” a sua história de vida lembrando que aquela mulher poderia ser sua avó; “O Olhar de uma mulher exposta” - Dulce Gomes, questionou, a partir de uma fotografia de uma “mulher tatuada” (assim está catalogado no relatório da missão) da Ilha das Bijagós, na Guiné, o olhar vazio e a forma como as mulheres negras continuam a ser vítimas de objetificação e exotização nos dias atuais; “Não vi mal mas senti desconforto” - Beatriz Carvalho



CRIA

Centro em Rede
de Investigação
em Antropologia

ISCTE
NOVA FCSH
UC
UMinho



Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

GI PRÁTICAS E POLÍTICAS DA CULTURA

Coord. Rodrigo Lacerda; Francisca Alves Cardoso; Joana Lucas; João Sousa

Conferência anual do GI *Práticas e Políticas da Cultura*

Museus, história e comunidades: desafios antropológicos no presente

18.01.2023 | Auditório C1, NOVA FCSH (Edifício C)

escolheu uma fotografia em que mostra os membros da missão, homens brancos com as suas roupas cáqui e chapéu de sipaios, a efetuarem as medições em corpos de pessoas negras; Beatriz destacou a forma como estas missões “mexiam nos corpos negros”, remetendo para “um desconforto” sentido pelas pessoas negras em lugares de maioria branca; “Pessoas sem nome, são pessoas?” Noé João escolheu um catálogo de uma exposição do Museu de História Natural e Ciência em que os colonizadores surgem com nomes próprios e depois imagens selecionadas para a exposição de pessoas das comunidades locais serem nomeadas de forma genérica e sem nome próprio; para Noé João esta forma de exibição retira história e subjetividade às pessoas representadas, acompanhando as formas de racismo interpessoal que abundam em Portugal; “As raízes do racismo, estão aqui” Paulo Dias escolheu os objetos e tecnologias envolvidas nas missões antropológicas como máquinas de fotografia, aparelhos de gravação de sons, instrumentos antropométricos configurando um aparato de recolha de dados baseado na ideologia científica darwinista, que alimentou o racismo científico com lastros nas ciências médicas e sociais. As sessões de “Djumbai descolonial” alertaram os técnicos do museu para uma viragem “necessária” para a descolonização destes espólios: serem feitas pelos ativistas anti- racistas de forma a ressignificar todos esses materiais, libertando-os para a crítica e debate públicos. Estas perspetivas convenceram os técnicos sobre a validade e necessidade da nossa abordagem. A ausência de pessoas capazes de curar estes espólios e a forma como os ativistas desenvolveram as suas perspetivas pode bem ser o caminho para a reparação, num processo de descolonização dos museus e a futura devolução destes espólios às comunidades originárias. Participantes (por ordem alfabética): André Soares (ativista Djass e investigador do ISCTE-IUL/NOVA FCSH/CRIA), Cátia Severino (Investigadora do CLUL e ativista Djass), Evalina Dias (Presidente da Djass). Estudantes e Ativistas participantes no Djumbai Descolonial: Beatriz Carvalho, Dulce Gomes, Fernando Mora, Noé João, Paulo Dias.

Laura Burocco – Entre Restituição e Re-apropriação – reconstrução de sentidos

Através da apresentação de três casos de estudo a apresentação entende interrogar o entendimento do movimento de restituição assim como apresentado e vivenciado no contexto Europeu. Quer abrir a outras formas de se relacionar ao retorno e os diálogos e as experiências vivas que este pode proporcionar. O que é mais valioso: possuir um objeto ou o encontro?

Moderação: Izabela Tamaso



CRIA

Centro em Rede
de Investigação
em Antropologia

ISCTE
NOVA FCSH
UC
UMinho



Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

GI PRÁTICAS E POLÍTICAS DA CULTURA

Coord. Rodrigo Lacerda; Francisca Alves Cardoso; Joana Lucas; João Sousa

Museus, história e comunidades: desafios antropológicos no presente

18.01.2023 | Auditório C1, NOVA FCSH (Edifício C)

16h30 – 18h – Produção de exposições e etnografia

Marta Prista e Maria Cardeira da Silva – Museografia como Etnografia?

A ideia de etnografia tem sido abusada pelo seu uso vernacularizado e acrítico. A ideia de museografia tem sido demonizada pelo pensamento mais crítico relativo ao Museu. Esclarecendo o modo como estamos a usar cada um dos termos avançamos – através da apresentação de projetos em que ambas foram mobilizadas – com a ideia de que a sua conjugação pode ser profícua para ambas.

Teresa Fradique – Etnografias da (in)visibilidade: o caso da exposição Interferências no MAAT

O que pode acontecer às práticas artísticas “emergentes” na sua chegada ao museu de arte contemporânea enquanto contendor arquitectónico de lazer e entretenimento (Bishop 2013)? Como dar conta dos processos de institucionalização ativados e, simultaneamente, expandir o entendimento para a presença de “mundos múltiplos, divergentes, e perceber as articulações das quais eles poderiam se tornar capazes” (Stengers 2018 [2007]: 447)? A partir de uma reflexão sobre gestos, aparentemente contraditórios, de visibilização que criam novas camadas de invisibilidade, iremos partilhar os primeiros fragmentos de uma etnografia em construção.

Fabiana Bruno – Curadoria como prática de pesquisa: Desafios antropológicos na remontagem de arquivos de imagens

A comunicação tomará como base experiência de pesquisas recentes, que se pretenderam ou culminaram como curadorias de exposições, para problematizar a prática de pesquisa antropológica e a montagem curatorial como modos de conhecimento. Em especial, serão compartilhados os processos de pesquisa e montagem de *Fábulas de Arquivos: entre feitiços e metamorfoses* (curadoria conjunta com o Prof. Dr. Óscar Guarín), na sede do Projeto ACHO, em Campinas-SP (Brasil) e *Coração na Aldeia, Pés no Mundo* (curadoria conjunta com a Profa. Me. Fabiane Medina da Cruz), no Sesc, em Piracicaba (Brasil). As experimentações visuais – traduzidas nas formas expositivas como arranjos de imagens, peças visuais, montagens curatoriais de exposições –, e os usos de diferentes suportes serão problematizados como “formas que pensam” (Warburg; Samain; Bateson; Aumont; Guarín, Bruno) e evidenciam problemas de pesquisas na antropologia e nas ciências humanas.

Moderação: Filomena Silvano



CRIA

Centro em Rede
de Investigação
em Antropologia

ISCTE
NOVA FCSH
UC
UMinho



Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

GI PRÁTICAS E POLÍTICAS DA CULTURA

Coord. Rodrigo Lacerda; Francisca Alves Cardoso; Joana Lucas; João Sousa